



AS MANIFESTAÇÕES MEDIÚNICAS SOB O OLHAR DE CÉSAR LOMBROSO. (ITÁLIA, SÉCULO XIX)

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.4065

Gabriela Harumi Araki, UEM
Vanda Fortuna Serafim, UEM

Resumo

A presente comunicação está vinculada ao Laboratório de Estudos em Religiões e Religiosidades – LERR/UEM e tem como objetivo discutir e analisar as narrativas de César Lombroso, em *Hipnotismo e Mediunidade* (1959), original de 1909, acerca dos fenômenos mediúnicos. Nesta obra, Lombroso busca esclarecer a veracidade das manifestações mediúnicas de importantes médiuns do século XIX e, desta forma, estrutura sua narrativa por meio de premissas científicas advindas da Escola Positivista, difundidas na Europa durante o século XIX. Importante ressaltar, que o momento histórico no qual o autor está inserido é fortemente marcado pela ideia de ruptura entre duas importantes instituições: a ciência e a religião. Podemos pensar essa oposição a partir da discussão elaborada por Bruno Latour (2004) em sua obra “‘Não congelarás a Imagem’, ou: como não desentender o debate ciência-religião”; bem como estabelecer um diálogo com Michel de Certeau (1982) e a noção de “lugar social”, considerando que Lombroso parte de uma instituição para abordar, cientificamente, as manifestações espíritas. Nossa preocupação é perceber de que maneira as questões apontadas pelo autor podem ser pensadas a partir da vertente da História das Religiões e Religiosidades. Quanto ao tratamento metodológico, por tratar-se de uma obra escrita, partiremos do conceito de “representação” de Roger Chartier (2002) e “documento/monumento” de Jacques Le Goff (1990).

Palavras Chave:

Espiritismo; Século XIX;
Mediunidade.

Introdução

A discussão aqui proposta está vinculada ao Laboratório de Estudos em Religiões e Religiosidades (LERR), orientado pela Professora Doutora Vanda Fortuna Serafim. Pretende-se analisar neste trabalho a narrativa construída por César Lombroso¹ (1959) para justificar as manifestações espíritas, parte delas presenciadas pelo autor, ocorridas na Itália, durante o século XIX. A obra utilizada como fonte histórica é intitulada *Hipnotismo e Mediunidade*, publicada no Brasil em 1959, pela Editora da Federação Espírita Brasileira (FEB), com tradução do italiano por Almerindo Martins de Castro. Dispondo do título original *Ricerche Sui Fenomeni Ipinotici e Spiritici*, é uma publicação póstuma, de 1909, sendo publicada apenas alguns meses após a morte de Lombroso, que nasceu em 6 de novembro de 1835, em Verona, e veio a falecer em 19 de outubro de 1909, em Turim, Itália. Graduado em medicina pela Universidade de Pavia, especializou-se em psiquiatria e desenvolveu diversos trabalhos em áreas como: medicina legal, antropologia criminal, psiquiatria e higienismo.

Atribuído à figura de Lombroso como um dos precursores da antropologia criminal, é possível notar a influência do autor no meio intelectual europeu do século XIX. Seu vínculo com as ideias e com a fundação da Escola Positiva Italiana de Criminologia² se deu com a propagação de obras como *L'uomo delinquente in rapporto all'antropologia*,

*giurisprudenza e carcerarie*³, de 1876.

Ideias como de Emanuel Swedenborg (1688-1772), teólogo sueco que retoma as discussões de espiritualidade e atividades místicas, e de Franz Anton Mesmer (1733-1815), médico que reelabora uma discussão apontando a existência de “uma energia magnética capaz de ser manipulada pela vontade e pelo uso das mãos” (GIL, 2010, p. 195), já estavam presentes nos meios científicos do qual César Lombroso dispunha, no entanto, este mantinha sua postura cética no que diz respeito às manifestações espirituais.

Foi então, em 1888, que Ercole Chiaia (1850-1905) convidou-o para analisar e estudar a médium italiana Eusápia Palladino. Andrea Graus, autora de *Discovering Palladino's mediumship. Otero Acevedo, Lombroso and the quest for authority*⁴, de 2016, discute sobre o início da carreira de Palladino, no qual o físico espanhol Manuel Otero Acevedo aceita o convite de Chiaia, uma vez recusado por Lombroso. Embora a discussão de Graus (2016) seja voltada para o descrédito dado do criminologista para Otero Acevedo, por não mencioná-lo em sua principal obra sobre fenômenos espíritas, a fonte em discussão, nota-se a reviravolta de convicções do psiquiatra italiano que, após sua primeira sessão espírita com Palladino, admite publicamente seu equívoco com relação aos fatos espíritas. (GRAUS, 2016).

O século XIX é um momento histórico devidamente marcado por transformações e acontecimentos em grande parte vinculados ao saber científico. É neste contexto que se desenvolvem novas ciências e se promove a especialização das mesmas,

¹ Informações biográficas de César Lombroso extraídas de *Hipnotismo e Mediunidade* (1959), escritas por Sr. Zéus Wantull.

² LOMBROSO, Gina. Cap. XII. La Nueva Escuela de Antropología Criminal y de Derecho Penal (1878-1882). IN: LOMBROSO, Gina. Vida de Lombroso. México: Instituto Nacional de Ciencias Penales, 2009.

³ LOMBROSO, Cesare. *O Homem Delinquente*. [tradução de Sebastião José Roque]. São Paulo: Ícone, 2013. – Coleção Fundamentos de Direito.

⁴ *Explorando a mediunidade de Palladino. Otero Acevedo, Lombroso e a procura por autoridade*. [tradução nossa].

algumas delas sendo a antropologia, história enquanto ciência e disciplina, sociologia, novas descobertas químicas, físicas, matemáticas e biológicas, que dão início a uma nova gama de saberes e criações. Interessante notar como Lombroso insere-se no tempo-espaço em questão, de acordo com suas ideias fortemente marcada por princípios deixados pelo iluminismo: progresso e cientificidade.

De acordo com Peter Gay (1995), tais convicções burguesas somam ao culto à agressão justificadas por “crenças, princípios, platitudes retóricas, que legitimavam a militância verbal ou física em terrenos religiosos, políticos, ou, melhor que tudo, científicos” (*Idem*, 1995, p. 13-14). As teorias científicas que pleitearam tais álibis apontam, principalmente, para a discussão racial promovida por nomes como Louiz Agassiz e suas ideias acerca da poligenia, Paul Broca e a craniometria, e César Lombroso, que volta seu olhar para a antropologia criminal (GAY, 1995; GOULD, 1999).

Ao passo que a sociedade burguesa europeia da Era Vitoriana comunga de tais teorias científicas que colocam seus ímpares à margem social, denota-se “uma das características mais fortes da cultura do século XIX era que as justificativas mais influentes para a agressão se apoiavam naquilo que seus partidários apresentavam como provas científicas” (GAY, 1995, p. 46), ou seja, a base do pensamento das camadas mais abastadas e letradas eram as teorias desenvolvidas pela elite intelectual europeia.

De modo a pensar como o espiritismo e suas manifestações ganharam espaço na Europa, devemos retomar a trajetória do francês Hipolyte Leon Denizard Rivail (1804-1869), que sistematizou a doutrina espírita em cinco obras, sendo elas *O Livro dos Espíritos* (1856), *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1864), *O*

Céu e o Inferno, (1865) e em 1868 *A Gênese*. Utilizando-se o codinome Allan Kardec, Rivail fazia parte da elite letrada francesa e dedicou-se por 19 anos aos estudos do que ele chamou de “espiritismo” (DOYLE, 1995).

Além do espiritismo, também nota-se durante o século XIX, segundo Carroll (1999), a retomada das ideias de sobrenatural, que contrapõe as ideias iluministas que circundam tal momento. Essas ideias são reconhecidas nos contos de horror que se popularizaram por seu baixo preço, e transformaram-se em apresentações teatrais e até temas de poemas. Ao passo que a superstição e o sobrenatural ganham espaço como um meio de se distanciar, por alguns instantes, da sociedade puramente racional e científica, os olhares se voltam para produtos que observam e denotam emoções e sentimentos.

De acordo com o autor “o Iluminismo tinha a propensão de ver todos os aspectos do mundo como suscetíveis de análise científica; e, nesse aspecto, o sobrenatural era encarado como um fruto da imaginação” (CARROLL, 1999, p. 79). Desta forma, juntamente ao misticismo do sobrenatural e supersticioso, as forças espectrais - ou manifestações espíritas -, que diz respeito, perante à ciência, ao imaginário, ganham notoriedade na sociedade europeia. A manifestação de forças espectrais pode ser observada, em sua maioria, em sessões mediúnicas com médiuns físicos ou mentais (GAULD, 1986), mesas girantes e fotografias, que transformaram-se em verdadeiros espetáculos perante ao público europeu no decorrer do século XIX (DEL PRIORE, 2014).

Diante dos elementos dispostos que nos auxiliam a pensar a narrativa articulada em Lombroso (1959), os aportes teórico-metodológicos que serão utilizados no tratamento da fonte enquanto documento escrito apoiam-se em Roger Chartier (2002), Jacques Le

Goff (1990) e Sandra Pesavento (2005). E, para explorar a narrativa de César Lombroso (1959), será articulado, principalmente, o diálogo com Bruno Latour (2004), Mircea Eliade (1992), Alan Gauld (1982) e Michel de Certeau (1982).

Análise documental no campo da História das Religiões e Religiosidades.

Ao pensar *Hipnotismo e Mediunidade*, de 1959, como uma fonte histórica para a discussão aqui proposta, devemos compreender como o percurso da História Cultural e, posteriormente, da História das Religiões e Religiosidades se desenvolveu durante o último século. À medida que a História, entendida como disciplina e ciência, desenvolveu seu próprio método e adotou novas perspectivas com os *Annales*, consequentemente ampliou-se seu campo de estudo. Ante à isto, eram considerados objetos de pesquisa histórica apenas documentos oficiais emitidos por instituições como o Estado e a Igreja, como atas, arquivos processuais, ou seja, apenas “testemunhos escritos”, como pontua Jacques Le Goff (1990).

Le Goff (1990) introduz o conceito de “documento/monumento” e sua modificação diante da revolução documental:

Segue-se-lhe a definição de revolução documental em profundidade e da nova tarefa que se apresenta ao historiador: “A história, na sua forma tradicional, dedicava-se a ‘memorizar’ os monumentos do passado, a transformá-los em documentos e em fazer falar os traços que, por si próprios, muitas vezes não são absolutamente verbais, ou dizem em silêncio outra coisa diferente do que dizem; nos nossos dias, a história é o que transforma os documentos em monumentos e o que, onde dantes se decifravam traços deixados pelos homens, onde dantes se tentava reconhecer

em negativo o que eles tinham sido, apresenta agora uma massa de elementos que é preciso depois isolar, reagrupar, tornar pertinentes, colocar em relação, constituir em conjunto”. (FOUCAULT apud LE GOFF, 1990, p. 546)

A crise epistemológica, como colocada por Roger Chartier (2002), para retomar a discussão acerca da nova dinâmica científica moderna, traz consigo novas perspectivas que proporcionam a quebra e construção de novos paradigmas. O novo paradigma que se apresenta à história é, portanto, o deslocamento de seus objetos para as particularidades, as relações humanas que compõem e constroem o mundo social, ou seja, as relações e ações dos homens no tempo. Assim como toda ciência é dotada de uma metodologia, não bastou a ressignificação histórica, como optou-se pela recriação de sua metodologia e introdução da consciência de quem a escreve. Neste momento, a produção histórica passa a ser analisada de acordo com a intencionalidade do historiador, uma vez que existe, para a criação da narrativa historiográfica, a subjetividade de quem a produz (CHARTIER, 2002).

Em virtude da notoriedade do historiador enquanto produtor de uma narrativa, articula-se o raciocínio de Sandra Pesavento (2005), no qual a autora propõe o pensamento da História Cultural como a retomada do “sistema de representações que compõem o imaginário social” (PESAVENTO, 2005) por meio da sensibilidade do historiador de perceber “um *outro tempo* e de um *outro no tempo*, fazendo o passado existir no presente” (*Idem*, 2005, p. 1).

Roger Chartier (2002) também aponta para o conceito de “representação” e as divide em três modalidades:

O trabalho de classificação e de recorte que produz as configurações intelectuais múltiplas

pelas quais a realidade não é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade; em seguida, as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de estar no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais “representantes” (instâncias coletivas ou indivíduos singulares) marcam de modo visível e perpetuado a existência do grupo, da comunidade ou da classe. (CHARTIER, 2002, p. 73)

Contudo, a terceira modalidade faz-se a mais relevante para o trabalho em questão, uma vez que podemos pensar em César Lombroso enquanto “representante” da existência de um grupo de intelectuais que voltaram seus estudos para o transcendental, sobrenatural ou espiritual, que fogem do controle dos seres humanos (ANDRADE, 2013) no século XIX.

Para Andrade, configura-se como religião um:

Conjunto de crenças e práticas que procuram dar respostas a várias questões que o homem levanta. É a crença no sobrenatural e na estreita relação que este tem com o mundo em que vivemos. A religiosidade, muitas vezes, é vista como uma manifestação de credence, supersticiosa ou distorcida da religião oficial. (ANDRADE, 2013, p. 11)

E complementa:

Para estudar a religião devemos partir do conhecimento do contexto social e cultural de onde surge e se desenvolve; devemos dar conta dos fatos religiosos em termos da totalidade da cultura e da sociedade em que se encontram, buscando compreendê-los como um fato total. (Idem, 2013, p. 11)

Isto posto, busca-se explorar o documento que contém a narrativa de César Lombroso, enquanto um “representante” de um grupo, mediante a sensibilidade de compreendê-lo num outro tempo e compreender o imaginário social que circunda o século XIX, apoiando-se na História Cultural e em uma de suas vertentes, a História das Religiões e Religiosidades (ANDRADE, 2013; CHARTIER, 2002; LE GOFF, 1990; PESAVENTO, 2005).

A mediunidade na perspectiva de César Lombroso (1959).

Em março de 1891, após 3 anos do primeiro convite feito por Ercole Chiaia, César Lombroso presencia a primeira manifestação mediúnica em uma sessão espírita com a médium italiana Eusapia Palladino. A educação espiritual de Palladino foi promovida por Ercole Chiaia e Signor Damiani, até a mediunidade tornar-se sua ocupação única. (LOMBROSO, 1959). Ambos instrutores foram homens letrados e já introduzidos ao espiritismo e fenômenos espíritas.

Até o momento, Lombroso tinha plena convicção de que tais aparições, manifestações e fenômenos envolvendo entidades desencarnadas eram pura farsa e charlatanismo. Embora as convicções do psiquiatra tenham se transformado subsequentemente à sessão espírita com Palladino, Lombroso ainda não admite a teoria espírita enquanto religião, apenas enquanto um fenômeno factual. (GRAUS, 2016).

Posto isto, Lombroso passa a descrever e estudar tais fenômenos espíritas. A obra *Hipnotismo e Mediunidade* é dividida em duas partes, sendo a primeira voltada para estudos de hipnose realizados pelo autor e um pequeno grupo de intelectuais da área, e a segunda abordando apenas temas condizentes ao espiritismo, a qual aqui nos interessa. Ainda que Lombroso (1959) tenha retratado em maior

quantidade os fatos ocorridos com Palladino, o psiquiatra não deixa de abordar a religiosidade que envolve os rituais de mediunidade que perpassam a história, desde as civilizações antigas e bárbaras⁵, fisiologia dos médiuns e das entidades desencarnadas, limites e influências manifestadas pelos médiuns em análise, duplos, fotografias e aparições em casas e locais assombrados.

Faz-se necessário, portanto, entender, dentro da História das Religiões e Religiosidades, o que tal fenômeno representa e como pode ser entendido. Seguindo o pensamento de Mircea Eliade (1992), a manifestação do sagrado é a expressão de tudo o que não é mundano, isto é, nas palavras do autor “o homem toma conhecimento do sagrado porque este *se manifesta*, se mostra como algo absolutamente diferente do profano” (ELIADE, 1992, p. 17).

Deste modo, nos interessa a possibilidade de pensar na manifestação das forças espectrais postas por Lombroso (1959) como uma “hierofania”, fundamentando-se nas ideias do autor romeno. Portanto, a existência de Palladino, novamente conduzindo-se pelas ideias de Eliade (1992), pode ser entendida como uma “existência aberta”, ou seja, ultrapassa as mundanidades do homem, distancia-se do que é profano.

Tentemos compreender a situação existencial daquele para quem todas essas correspondências são vividas e não simplesmente idéias. É evidente que sua vida possui uma dimensão a mais: não é apenas humana, é ao mesmo tempo “cósmica”, visto que tem uma estrutura trans-humana. Poder-se-ia chamá-la uma “existência aberta”, porque não é limitada

estritamente ao modo de ser do homem. (ELIADE, 1982, p. 136)

Para compreender os fenômenos relatados por Lombroso (1959), sejam estes observados com luz, sem luz, com a médium à vista, sonoros ou visuais, utilizamo-nos dos conceitos elucidados por Alan Gauld (1982), de PK (psicocinese) e “PES” (percepção extra-sensorial). Na primeira, observa-se a capacidade de deslocar objetos sem movimentação corporal, e a última enquadram-se os fenômenos que necessitam da sensibilidade mediúnica de perceber além dos eventos convencionais, como clarividência, psicometria - tomar nota de informações pessoais de algum indivíduo apenas pelo contato com seus objetos -, dentre outras variantes fenomenológicas. Gauld (1982) busca conceituar a mediunidade como uma possessão no sentido literal da palavra, enquanto a tomada de posse do corpo do médium por uma entidade desencarnada e utiliza-se do termo “xamã” para designar curandeiros, mentores e líderes espirituais que entram em contato com seres do mundo espiritual.

Ao assimilar a figura de Palladino como xamã (GAULD, 1982), diante das sínteses de Lombroso e o grupo de intelectuais que participavam e estudavam os episódios transitórios da médium italiana, podemos perceber os indícios de PK, principalmente, nas sínteses de fenômenos desempenhados por tal:

Primeira Classe: Fenômenos mecânicos, com produção de movimento nos objetos ainda em contacto com a pessoa da médium, que Eusapia produz facilmente, tanto na obscuridade quanto à luz plena. [...] Segunda Classe: [...] Os efeitos mecânicos se produzem sem contato algum com a pessoa da médium, as distâncias que podem variar de poucos centímetros a um metro. São os mais discutidos, porque em

⁵ LOMBROSO, César. Cap. XIII - A crença nos Espíritos dos mortos entre os selvagens e os bárbaros. IN: LOMBROSO, César. Hipnotismo e Mediunidade. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 1959, 4ª ed.

desacordo com as leis ordinárias da Física, a qual ensina que uma força mecânica deve atuar diretamente sobre a resistência oposta pelos corpos materiais. Todavia, esta telecinesia mediúnica é entre as coisas mais frequentes a serem vistas nas sessões de Palladino. Terceira Classe: [...] concerne à alteração da gravidade dos corpos, que são os fenômenos menos seguros, embora investigadores insígnies lhes garanta a autenticidade. [...] Quarta Classe: Une em um pequeno grupo os fenômenos luminosos elementares, sejam os visíveis por si, sejam os visíveis por luz exterior, mas sempre inorganizados. [...] Sexta Classe: Influência sobre chapas fotográficas, envoltas em papel escuro. (LOMBROSO, 1959, p. 145-152)

À luz do exposto, cabe ressaltar que o autor analisa a mediunidade de Palladino em conjunto com um vasto grupo de intelectuais que se utilizavam da metodologia científica racional, herança deixada pelo Século das Luzes. Tais intelectuais eram especialistas de diversas áreas da ciência e estavam em diversas regiões da Europa. Embora Lombroso (1959) reconheça o fato de forças espectrais exercerem uma variedade de ocorrências, este não tece comentários acerca da reencarnação, uma das convicções bases da teoria espírita que circulava a Europa no século XIX.

O diálogo entre ciência e religião na obra de César Lombroso (1959)

Uma vez já identificadas as manifestações “sagradas”, e a metodologia utilizada na análise da obra utilizada como fonte para os objetivos aqui apontados, faz-se necessário a compreensão de como o médico italiano compreendia as forças espirituais que se revelavam nas sessões mediúnicas. Para tanto, buscamos entender a forma com a qual César Lombroso (1959) utiliza para abordar as manifestações espectrais por

meio do conceito de Michel de Certeau (1982) de “lugar social” e no intuito de compreender o diálogo científico-religioso, Bruno Latour (2004).

O conceito de “lugar social” elaborado por Michel de Certeau (1982) nos auxilia a pensar a figura de Lombroso enquanto produtor de conhecimento científico. Tal pensamento refere-se à instituição do saber na qual *quem fala* pertence, e é por meio desta que a estruturação de sua narrativa pode ser justificada. Logo, esta instituição deve ser compreendida como um “lugar científico” (CERTEAU, 1982, p. 69). Assim, “a instituição não dá apenas uma estabilidade social a uma “doutrina”. Ela a torna possível e, sub-repticiamente, a determina.” (CERTEAU, 1982, p. 70). Desta forma, podemos perceber César Lombroso enquanto um produtor de conhecimento que fala por meio da instituição científica médica, influenciado pelo saber racional deixado pelo Iluminismo, e que observa os fenômenos da vida, e do mundo, enquanto passíveis de serem analisados e explicados pela ciência.

Ao fundamentar-se pela ideia de Certeau, e compreender Lombroso enquanto *pertencente*, e sua obra *produto*, de um “lugar social” que fala por si ao passo que adota uma metodologia específica e diferencia-se das demais instituições (CERTEAU, 1982), é possível dialogar com Bruno Latour (2004) no que condiz a conciliar o debate científico-religioso.

Com relação às ideias de Bruno Latour (2004), voltamo-nos para a concepção de que a religião, embora tenha o mesmo objetivo que a ciência - a verdade -, distinguem-se uma da outra no que concerne às nuances próprias de seus discursos:

[...] uma referida a modos comuns, complexos sutis de enunciar a fala amorosa para que esta seja eficaz - e é com efeito um mistério de

⁶ Grifo nosso.

aptidão, de um jeito especial [...], e outra totalmente artificial provocada pelo indevido curto-circuito entre dois regimes de enunciação heterogêneos. (LATOUR, 2004, p. 357)

Tal ideia verifica-se à medida que a comunicação realizada pela religião busca se religar e se aproximar do homem por meio da mensagem transmitida pelos *modos de fala* de quem a proclama. Isto é, baseado nas matizes do discurso religioso, vívido, cotidiano e experienciado é que se dá a transformação do homem acometido por tal fala. Em desajuste às modulações da fala científica, que:

[...] nada apreende de modo *direto* e preciso. ela adquire lentamente sua precisão, sua validade, sua condição de verdade, no longo, arriscado e doloroso desvio que passa pelas mediações de experimentos - não de experiência -, de laboratórios - não o senso comum -, de teorias - não a visibilidade. e se ela é capaz de obter a verdade, é ao preço de transformações espantosas que se dão na passagem de um meio ao seguinte. (LATOUR, 2004, p. 360)

À vista disso, entende-se que não existe um entrechoque entre a religião e a ciência, e sim uma distinção para a qual cada uma buscou-se referenciar. Enquanto a primeira atenta-se em aproximar o mais distante para possibilitar a transformação, assim como as passagens do Evangelho apontadas por Latour, que “não tenta alcançar estados de coisas distantes, mas trazer os interlocutores pra mais perto daquilo que dizem um do outro” (LATOUR, 2004, p. 357); a última se propõe a delinear sua fala construindo:

[...] caminhos extraordinariamente longos, complicados, mediados, indiretos e sofisticados, através de camadas concatenadas de instrumentos, cálculos e modelos, para ter acesso ao mundo [...] que

são invisíveis por serem demasiadamente pequenos, distantes [...]. Apenas por meio de redes de laboratórios e instrumentos é possível obter aquelas longas cadeias referenciais que permitem maximizar os dois aspectos contrários de mobilidade (ou transporte) e imutabilidade (ou constância) que constituem, ambos, a in-formação - aquilo que chamei, por essa razão, ‘móveis imutáveis’. (LATOUR, 2004, p. 360)

Em conclusão, a nuance discursiva utilizada por César Lombroso (1959) procura trazer para o mundo laboratorial e transformar em informação, diante de uma instituição científica, tudo àquilo manifestado por forças espectrais. (LATOUR, 2004; CERTEAU, 1982).

Considerações Finais

Em virtude às ideias mencionadas, buscou-se explorar a perspectiva de Lombroso (1959) acerca dos fatos espíritas, mediante um documento escrito. Por meio da perspectiva de Andrade (2013) e Eliade (1992), pôde-se situar a obra dentro da História das Religiões e Religiosidades, e o autor enquanto produtor e seu produto como resultante de seu tempo, a partir de Certeau (1982). Bem como utilizar-se da sensibilidade histórica que elucida Pesavento (2005) para perceber a retomada das características particulares deste *outro tempo* e as relações possíveis a partir de tal contexto.

Referências

ANDRADE, Solange Ramos. História das religiões e religiosidades: uma breve introdução. IN: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (org.). **(Re)conhecendo o sagrado**. Reflexões teórico-metodológicas dos estudos de religiões e religiosidades. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

CARROLL, Noël. **A Filosofia do Horror ou paradoxos do coração**. São Paulo: Papyrus Editora, 1999.

- CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude/** Roger Chartier, trad. Patrícia Chittoni Ramos. - Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2002.
- CERTEAU, Michel. A Operação Historiográfica
IN: CERTEAU, Michel. **A Escrita da História.** Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.
- ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano.** A essência das Religiões. [tradução Rogério Fernandes]. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- DEL PRIORE, Mary. **Do Outro Lado: A história do sobrenatural e do espiritismo.** São Paulo: Planeta, 1ª ed., 2014.
- DOYLE, Arthur Conan. **História do Espiritismo.** São Paulo: Editora Pensamento, 1995.
- GAULD, Alan. **Mediunidade e Sobrevivência: Um século de investigações.** São Paulo: Editora Pensamento, 1982.
- GOULD, Stephen. **A Falsa Medida do Homem.** [tradução Valter Lellis Siqueira; revisão da tradução Luís Carlos Borges; revisão técnica Carlos Camargo Alberts]. - 2ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- GRAUS, Andrea. Discovering Palladino's mediumship. Otero Acevedo, Lombroso and the quest for authority. **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, v. 52, n. 3, p. 211-230, 2016. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/jhbs.21789/full> . DOI: 10.1002/jhbs.21789
- LATOUR, Bruno. **“Não congelarás a imagem”, ou: como não desentender o debate ciência-religião.** Mana 10 (2): 349-376, 2004.
- LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento.
IN: LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Campinas: Editora UNICAMP, 1990.
- LOMBROSO, Gina. *Cap. XII. La Nueva Escuela de Antropología Criminal y de Derecho Penal (1878-1882).*
IN: LOMBROSO, Gina. **Vida de Lombroso.** México: Instituto Nacional de Ciências Penales, 2009.
- PESAVENTO, Sandra. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, 2005, p. 1-7. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/229> Acesso em 15/09/2016.

Fonte

LOMBROSO, César. **Hipnotismo e Mediunidade.** [tradução Almerindo Martins Castro]. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1959